

A motivação do aluno

Vinha, Telma Pileggi

Veröffentlichungsversion / Published Version

Rezension / review

Empfohlene Zitierung / Suggested Citation:

Vinha, T. P. (2009). A motivação do aluno. [Review of the book *A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea*, by E. Boruchovitch, & J. A. Bzuneck]. *ETD - Educação Temática Digital*, 10(esp.), 347-359. <https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:0168-ssoar-71359>

Nutzungsbedingungen:

Dieser Text wird unter einer Free Digital Peer Publishing Licence zur Verfügung gestellt. Nähere Auskünfte zu den DiPP-Lizenzen finden Sie hier:
<http://www.dipp.nrw.de/lizenzen/dppl/service/dppl/>

Terms of use:

This document is made available under a Free Digital Peer Publishing Licence. For more Information see:
<http://www.dipp.nrw.de/lizenzen/dppl/service/dppl/>

A MOTIVAÇÃO DO ALUNO

CDD: 370.154

BORUCHOVITCH, E.; BZUNECK, J. A. (Org.). **A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

Telma Pileggi Vinha

Uma escola de Educação Básica que, de fato, promova o desenvolvimento e a aprendizagem é uma das principais metas de muitos educadores. Essa ideia também está presente na LDB que preconiza que a educação tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Todavia, ao analisarmos inúmeros dados de avaliações nacionais e internacionais sobre a qualidade da educação escolar no Brasil constatamos quão distantes estamos dessa meta, podendo mesmo considerar que há uma falência nessa área que afeta diretamente a educação de nossos jovens, comprometendo o futuro de uma nação. Constata-se ainda que, não raro, os professores reclamam que os alunos não se interessam pelos conteúdos escolares, que estão desmotivados. Diante desse quadro, o conhecimento pelos profissionais da educação dos atuais estudos na área da motivação escolar é de vital importância posto que:

Tornou-se um problema de ponta em educação, pela simples constatação de que, em paridade de outras condições, sua ausência representa queda de investimento pessoal de qualidade nas tarefas de aprendizagem. Alunos desmotivados estudam muito pouco ou nada e, conseqüentemente, aprendem muito pouco. Em última instância, aí se configura uma situação educacional que impede a formação de indivíduos mais competentes para exercerem a cidadania e realizarem-se como pessoas, além de se capacitarem a aprender pela vida afora. (BORUCHOVITCH; BZUNECK, 2009, p.13).

Essa afirmação é feita pelo professor da Universidade Estadual de Londrina, José Aloyseo Bzuneck, que em conjunto com Evelyn Boruchovitch, da Faculdade de Educação da Unicamp, são os organizadores do livro **“A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea”** (editora Vozes) que reúne estudos na área da psicologia educacional sobre a motivação do aluno. Publicado em 2001, encontra-se na 4ª edição.

Essa obra nos mostra que, apesar de a motivação estar *no* aluno, as condições ambientais interferem muito nesse processo, portanto, é equivocado inferir que a motivação ou os problemas decorrentes são *do* estudante como geralmente se acredita. Por conseguinte, é

fundamental que os professores, sem desconsiderar as demais influências como, por exemplo, as condições externas à instituição escolar, reflitam nos componentes relacionados ao contexto de aprendizagem que tanto podem facilitar quanto dificultar o favorecimento da motivação para a aprendizagem.

Redigidos em geral de forma clara, objetiva e acessível, as pesquisas e as discussões apresentadas no decorrer dos nove artigos que compõem esse livro apresentam consistente diálogo entre a teoria e a prática, que se complementam e integram, e são descritas estratégias de ensino que favorecem o desenvolvimento das crenças de auto-eficácia e da motivação para aprender, acarretando em intervenções pedagógicas mais respeitadas, coerentes e efetivas. Devido a contribuição que cada artigo traz para os estudiosos da motivação acadêmica e para os profissionais em educação, considero que vale a pena comentar sucintamente sobre cada um.

No primeiro artigo que abre o livro, Bzuneck apresenta um amplo e atual panorama sobre a literatura na área da motivação escolar, conceituando e situando a importância desses estudos. Reflete sobre o fato de que a desmotivação dos alunos tem sido um fenômeno bastante frequente e de grande relevância e aborda esse problema sob dois aspectos o quantitativo (intensidade) e o qualitativo (tipos). Nessa discussão, desmitifica concepções tão frequentes quanto equivocadas como afirmar que um aluno *é* desmotivado ou a crença de que quanto mais uma pessoa estiver motivada melhor será o desempenho em tarefas complexas, como as aprendizagens escolares.

O autor apresenta um panorama das contribuições de teorias e pesquisas em motivação que podem auxiliar para orientar e subsidiar o professor. Para ele apesar dos componentes afetivos estarem presentes em alguns estudos, tem se focado principalmente os componentes cognitivos ou pensamentos, como metas, crenças, atribuições, percepções. Considera que é preciso distinguir duas funções distintas e complementares a serem cumpridas pelo professor, sendo a primeira de caráter remediador, que consiste em recuperar os alunos com problemas de motivação, e a segunda é mais preventiva e de caráter permanente que seria a implementação e a manutenção otimizada motivação para aprender pelos alunos da classe.

O autor tece fortes argumentos que refuta a idéia tão comumente encontrada de que os professores podem fazer muito pouco pela motivação porque as condições contextuais são adversas, alertando todavia que, a motivação do aluno esbarra na “motivação do próprio professor e que esta depende do nível de sua crença de auto-eficácia, ou seja, na crença de que pode exercer ações destinadas a produzirem certos resultados” (p.29). Tais crenças teriam origem nas experiências reais de êxito e com as influências positivas dos colegas e da direção da escola. Essas experiências de sucesso possuem forte relação com a aquisição de conhecimentos quanto aos mecanismos psicológicos ligados à motivação do aluno e ao domínio de uma grande variedade de técnicas, além do desenvolvimento de habilidades adquiridas por meio da prática e da reflexão. Para aqueles que ainda buscam instruções diretivas, o autor adverte que “a complexidade e o caráter imprevisível das situações em sala de aula tornam insuficientes quaisquer receitas prontas” (p.30). Após essa advertência, reflete sobre o papel do professor e da escola na motivação dos alunos abordando aspectos gerais de estratégias de ensino que visam favorecer a motivação dos alunos, estratégias essas que são aprofundadas nos demais artigos do livro, como nos três descritos a seguir.

Qual professor não desejaria que seus alunos se sentissem interessados, envolvidos, desafiados e satisfeitos com relação aos conteúdos escolares? Seria utopia? O segundo artigo “motivação intrínseca, extrínseca e o uso de recompensas em sala de aula”, de Sueli Guimarães, reflete sobre essas questões trazendo as contribuições de inúmeros estudos que podem auxiliar o professor em seu trabalho de despertar o interesse dos alunos sobre os conteúdos escolares.

A autora demonstra que o envolvimento em uma atividade por razões intrínsecas gera maior satisfação, facilitando a aprendizagem e o desempenho. São apresentadas interessantes investigações empíricas e teóricas que foram realizadas nas últimas décadas, mostrando a evolução nos estudos dessa área como a motivação para a competência, a teoria da autodeterminação e da avaliação cognitiva. Adverte sobre a dicotomia tão presente nas definições e pesquisas sobre motivação intrínseca e extrínseca, em que a primeira refere-se a autocontrole e autonomia e a segunda controle externo ou heteronomia, ressaltando que alguns autores consideram que não é adequado considerar que o comportamento extrinsecamente motivado não possa ser autodeterminado. Isto posto, apresenta os diferentes níveis de regulação da motivação extrínseca, destacando ainda a tendência humana de integrar

e internalizar tais comportamentos: a regulação externa, regulação introjetada, regulação identificada e regulação integrada. As pesquisas têm como conclusão a de que “mesmo permanecendo instrumentais a aprendizagem e ao desempenho, os comportamentos regulados de forma integrada têm importância similar aos comportamentos intrinsecamente motivados” (p.48).

Um outro resultado que merece ser destacado é o de que, em geral, conforme os alunos vão avançando na escolaridade vai havendo uma queda no nível de motivação e, em decorrência desse pouco envolvimento dos alunos, muitos professores empregam recompensas exteriores na tentativa de fazer com que realizem as tarefas solicitadas. Partindo dessa constatação, a autora apresenta estudos sobre as estratégias motivacionais utilizadas pelos professores e descreve os inúmeros problemas decorrentes do emprego destes procedimentos motivacionais. Conclui que o uso de recompensas externas em situações de aprendizado deve ser viabilizado de forma criteriosa, evitando que os alunos sejam orientados extrinsecamente no envolvimento com as atividades. Todavia, não descarta a presença de recompensas em situações de sala de aula visto que são encontrados efeitos benéficos quando essas estratégias são empregadas de forma adequada.

Nas considerações finais a autora reflete sobre o papel decisivo do professor, visto que, que suas ações “em situações de aprendizagem estão diretamente relacionadas com o padrão motivacional de seus alunos na medida em que podem favorecer um ambiente sociomoral controlador ou promotor de autonomia” (p.54). A reflexão sobre esses aspectos tão necessários no processo ensino-aprendizagem não podem ser negligenciadas por aqueles que pretendem efetivamente oferecer uma escola promotora da aprendizagem, da autodeterminação e da autonomia de seus alunos.

No terceiro capítulo, Bzuneck, numa abordagem sociocognitivista, discorre sobre como as metas afetam os comportamentos de realização, ou seja, os modos pelos quais as pessoas abordam as tarefas, apresentando a moderna Teoria das Metas de Realização que interessa sobremaneira os educadores ao explicar a qualidade do envolvimento do aluno. O autor descreve, conceitua e compara os dois tipos de metas, a “meta aprender” (que se assemelha muito a motivação intrínseca) e a “meta *performance*”, esclarecendo que cada uma delas se constitui num esquema complexo e representa uma razão peculiar para o aluno

aplicar esforço numa determinada tarefa, podendo ser alteradas de acordo com as condições do ambiente de sala de aula. A análise das pesquisas com relação à meta *performance* apresenta resultados contraditórios posto que se algumas encontram efeitos prejudiciais, outras identificam um efeito positivo, ainda mais se acompanhada à meta aprender. Decorrente desta controvérsia, os novos estudos consideram que são pelo menos três as metas de realização ao considerarem que a meta *performance* pode ser desdobrada em seus dois componentes básicos: o de *aproximação* (buscar ser o melhor, o mais inteligente), que parece favorecer o desempenho em termos de notas, de persistência e de processamento de profundidade e o da *evitação* (não querer parecer incapaz, o menos inteligente) a mais prejudicial, estando relacionada a baixa persistência, pouco esforço, ao pior desempenho nas notas e à tendência a ansiedade, isto é, a padrões desadaptadores de motivação. Diante desses resultados e considerando que tanto a “meta *performance*-aproximação” quanto a “meta aprender” produz, cada uma, apenas um efeito específico, os estudiosos sugerem que o melhor padrão regulador nas aprendizagens é o de alunos que adotam simultaneamente essas duas metas, excluindo a de “evitação”, que produzem um amplo conjunto de resultados positivos.

O autor apresenta ainda estudos que encontram outras possíveis metas de realização, ressaltando, todavia que são pesquisas recentes, havendo ainda muito a ser investigado. Partindo da convicção de que existe a possibilidade de que as metas de realização possam ser mudadas nas pessoas mediante algum procedimento de intervenção, ele encerra o artigo levantando questões importantes para quem se trabalha com educação como conhecer quais seriam os fatores que levariam um aluno a abraçar determinada meta e em que medida tais fatores estariam ao alcance de um professor que pretende modificar a orientação de seu aluno para a meta desejável de aprender. Tais questões são respondidas no capítulo quarto de autoria de Sueli Guimarães, em que, não desconsiderando a influência dos demais fatores motivacionais, discute como a organização da escola e da sala de aula podem potencialmente conduzir os alunos àquelas formas desejáveis de motivação, a intrínseca e a meta aprender.

Essa autora defende que é necessário criar um clima encorajador da iniciativa e da auto-expressão dos estudantes, destacando o estilo do professor como essencial na determinação da orientação motivacional dos alunos. Ao longo do artigo apresenta estudos que trazem expressivas estratégias pedagógicas, que se empregadas no ambiente instrucional, são promotoras da meta aprender. Discute de forma mais aprofundada seis aspectos da situação escolar presentes no anagrama de Epstein que repercutem na motivação dos alunos: as atividades de aprendizagem ou tarefas; a autoridade do professor; as formas de valorização e reconhecimento; os agrupamentos sociais; o processo de avaliação; e o emprego do tempo. É destacado ainda o necessário o envolvimento da escola como um todo influenciando o clima da sala de aula. De forma objetiva, mas não reducionista, são apresentadas considerações e sugestões valiosas que contribuem para a melhoria da qualidade da organização do ambiente escolar e que podem ser incluídas no planejamento educacional.

Os próximos três capítulos desse livro abordam temas mais específicos e atuais que interferem na motivação: as concepções de inteligência, as crenças de auto-eficácia e a ansiedade dos alunos.

Pretendendo discutir a relação entre a motivação e inteligência, o quinto capítulo da presente obra traz importantes contribuições da teoria do processamento da informação sobre o conceito de inteligência para prática pedagógica, sobretudo para a motivação para aprender. Logo no início Boruchovitch esclarece que o “o esforço, principal indicador da motivação, só é utilizado pelo estudante para ultrapassar suas próprias dificuldades ou para se engajar em situações novas ou desafiantes caso este acredite na sua própria capacidade de obter êxito” (p.96). Discorre sobre os dois tipos de teorias pessoais sobre a inteligência, a da inteligência como uma entidade (que seria um traço estável e fixo no indivíduo) e a concepção incremental de inteligência (passível de ser desenvolvida e ampliada pelo esforço e pela prática), apresentando as influências que essas concepções exercem na motivação acadêmica e no desempenho escolar dos alunos. Assim, ao contrário da segunda crença, na inteligência com entidade o papel do esforço como meio de se reverter um fracasso é desconsiderado, visto que nada pode ser feito para alterar a inteligência.

A autora apresenta as principais abordagens nos estudos da inteligência: as perspectivas psicométrica, piagetiana, sociocultural e do processamento da informação, aprofundando as discussões nesta última. Há ainda a preocupação de descrever brevemente outras teorias recentes sobre a inteligência, tão presentes na mídia, como a teoria das inteligências múltiplas e a teoria da inteligência emocional refletindo sobre seus avanços e limitações.

Ao analisar as implicações educacionais decorrentes da relação entre a inteligência e a motivação, a autora ressalta que concepções equivocadas e distorcidas sobre a inteligência estiveram presentes por muito tempo permeando a educação. Traz uma boa notícia ao afirmar que “atualmente, teóricos consideram cada vez mais que a inteligência humana não só é altamente treinável, mas também extremamente sensível à qualidade das intervenções educacionais” (p.110). Por conseguinte, as oportunidades educacionais podem “maximizar a capacidade de aprender do indivíduo, principalmente pela importância que se vem concedendo ao ensino não somente dos fatos em si, mas, sobretudo dos processos psicológicos pelos quais se aprende” (p.110). Boruchovitch aprofunda as contribuições do ensino e da utilização adequada das estratégias de aprendizagem, trazendo outros subsídios de importantes estudos dessa área.

Abordando o segundo dos três temas motivacionais mais específicos Bzuneck se propõe, no sexto capítulo, analisar o papel das crenças de auto-eficácia na motivação do aluno. Pautando-se na teoria de Bandura, o autor explica que os julgamentos de auto-eficácia determinam o nível de motivação, pois pelo fato de a pessoa antecipar mentalmente o que pode realizar para conseguir resultados, imprime uma determinada direção para suas ações. Mostra que quando um aluno possui uma forte crença de auto-eficácia, acreditando que com seus conhecimentos, talentos e habilidades poderá dominar um conteúdo ou melhorar suas habilidades, motiva-se a envolver-se nas atividades de aprendizagem selecionando estratégias de ação que poderão ser executadas por ele, abandonando outras que não representem incentivos porque sabe que não os poderá implementar. Esclarece que o esforço se fará presente desde o início e ao longo de todo o processo, de maneira persistente, mesmo que se depare com dificuldades. Assim, esses julgamentos de auto-eficácia atuam como mediadores entre as reais capacidades e a própria *performance*.

São apresentados estudos que comprovam o papel dessas crenças na motivação e no desenvolvimento da auto-regulação e analisadas quais seriam as fontes em que se originam as crenças de auto-eficácia. Esse conhecimento sobre como se formam as crenças de auto-eficácia contribui para que as ações pedagógicas sejam mais coerentes com o processo de desenvolvimento. De maneira didática, expõe algumas estratégias que visam implementar tais crenças na escola tais como formas mais efetivas de se propor atividades aos alunos, de fazê-los trabalhar tanto individualmente quanto em grupo e de reagir aos desempenhos apresentados. Além disso, são analisados procedimentos usualmente utilizados nas escolas que acarretam o rebaixamento das crenças de auto-eficácia como as práticas que, muitas vezes sem que o professor se dê conta, acabam por levar os alunos a se compararem uns com os outros.

O autor encerra o artigo discutindo as limitações das crenças de auto-eficácia na promoção da motivação dos alunos, advertindo que se requer certa cautela posto que estas devem ser consideradas como condição necessária, porém não suficientes para a motivação, não podendo ser desconsiderados outros fatores como as lacunas de conhecimento ou habilidades, a ausência de capacidade real, as influências das expectativas negativas de resultados e a falta de reconhecimento ou de valorização.

Evely Boruchovitch e Elis R. Costa abordam no capítulo sete a terceira dimensão mais específica relacionada à motivação dos alunos que, apesar de atual e relevante, poucas vezes é discutida cientificamente no Brasil: o impacto da ansiedade no rendimento escolar e na motivação dos alunos. Apresentam inicialmente algumas características de nossa sociedade pós-moderna demonstrando a presença da ansiedade nas diversas situações da vida cotidiana e, especificamente, no ambiente escolar. Esclarecem que diferentes níveis de ansiedade podem ser vivenciados durante toda a vida acadêmica dos alunos podendo se manifestar por um medo avassalador de tudo que está relacionado ao contexto escolar ou como um temor mais circunscrito a certas situações escolares, como por exemplo, situações de avaliações ou determinadas disciplinas, professores ou colegas.

As autoras mostram que a ansiedade na escola é mais encontrada em alunos que estão tendo um desempenho insatisfatório, contribuindo para diminuir a motivação para aprendizagem. Manifesta-se mais precisamente em situações de avaliação e tende a aumentar com o avanço da escolaridade, podendo gerar “um padrão disfuncional motivacional que prejudica sobremaneira o desempenho acadêmico dos alunos” (p.139). Todavia, é feita uma necessária ressalva de que a ansiedade não é necessariamente prejudicial ao bom desempenho escolar, um certo nível de ansiedade pode beneficiar a aprendizagem. Os efeitos nocivos ocorrem em função do seu grau.

As autoras apresentam ainda contribuições da teoria de processamento da informação no estudo da ansiedade. Essas pesquisas comprovam que a ansiedade interfere no desempenho dos alunos e demonstram que estudantes ansiosos têm hábitos de estudo deficientes, apresentam dificuldades de organizar o material e não processam a informação precisamente. Na tentativa de compreender as causas desse fenômeno, refletem sobre o papel da família e da escola surgimento e desenvolvimento da ansiedade por meio de atitudes como críticas excessivas, comparações, rígidas avaliações e cobranças com alto nível de exigência. É importante que os educadores reflitam sobre os fatores apresentados pelas autoras que mais predis põem os alunos a sentir ansiedade no ambiente escolar como o *feedback* negativo por parte do professor, os *déficits* de memória, o clima hostil e competitivo na classe, as formas impróprias de avaliar a aprendizagem dos alunos, a pressão do tempo para realizar as atividades ou avaliações e também a preparação inadequada para as provas. Visando auxiliar esses alunos são descritos alguns programas de treinamento em estratégias de aprendizagem voltados para a redução da ansiedade que se têm revelado promissores na melhoria do desempenho escolar. Vale a pena os professores aprofundarem os estudos e implantarem em suas classes as sugestões de práticas relativamente simples que favorecem a redução da ansiedade em sala de aula propostas por Boruchovitch e Costa no final desse trabalho.

Os dois últimos capítulos apresentam pesquisas brasileiras em motivação. No oitavo, Martini e Boruchovitch, pautando suas análises na teoria atribucional de Weiner, relatam uma pesquisa realizada com nossas crianças que investiga a compreensão que possuem sobre o sucesso e o fracasso escolar. Encontraram que as crianças de 3º e 5ª séries do ensino fundamental atribuem o sucesso ou fracasso vividos nas três situações hipotéticas (português e matemática) principalmente ao fato de *prestar ou não prestar atenção*, que foi

interpretada como uma causa interna, controlável e estável. Com as mesmas causas, a *falta de esforço* representou a segunda atribuição mais freqüente. Um dado que chama a atenção foi a quantidade significativamente maior de respostas “*não sei*” dadas pelos alunos repetentes se comparadas aos não repetentes, o que indica que essas crianças demonstram ter menos consciência das causas responsáveis pelas situações de sucesso e fracasso que vivenciam na escola.

Pesquisas indicam que o bom desempenho acadêmico está associado a atribuições de capacidade e esforço, enquanto o fracasso escolar relaciona-se a atribuições de uma causa incontrolável que é a falta de capacidade. No estudo realizado pelas autoras, as crianças assumem para si mesmas as causas do sucesso e do fracasso acadêmico, atribuindo-os prioritariamente a causas internas relacionadas à *motivação, ao esforço, a capacidade e a atenção*. Isto significa que elas se consideram responsáveis pelo êxito ou pelo insucesso escolar. Martini e Boruchovitch consideram que esse discurso da *atenção* ou *falta de atenção* como sendo influência dos professores e dos pais desses alunos e fazem uma ressalva com relação ao fato de que a maioria dessas crianças não considera de igual modo o papel fundamental do professor e da escola como agentes do processo educacional. Segundo as autoras “quando a meta é aumentar a motivação para a aprendizagem do aluno, algumas atribuições são mais construtivas do que outras. As crianças deste estudo ofereceram atribuições extremamente compatíveis ao bom desempenho escolar e à motivação para aprendizagem” (p.159). As atribuições encontradas quando associadas ao uso de estratégias e aprendizagem apropriadas “podem levar os alunos a sentirem-se eficazes no processo de aprendizagem e a permanecerem motivados na realização das atividades acadêmicas, contribuindo para um melhor desempenho escolar” (p.160). O conhecimento das atribuições de causalidade, ou seja, das crenças pessoais dos alunos sobre como interpretam as causas desses eventos, tem, portanto, enorme importância para prevenção e intervenção no fracasso escolar.

O artigo que encerra esse livro é de autoria de Fermino Sisto e de colaboradores. Os autores mencionam as inúmeras variáveis que estão presentes em nosso modelo escolar que tem sido retratado como em crise pelos educadores, e selecionam uma como alvo do presente estudo: investigar a satisfação dos alunos com a escola e se haveria mudança no grau de satisfação entre as diferentes séries. Após mencionar inúmeras pesquisas internacionais na área é apresentada a investigação realizada com alunos de 3ª a 8ª séries de uma escola do ensino fundamental em que foi utilizado um instrumento que informa a motivação, a percepção da escola, a afetividade, a auto-estima e, por meio da soma das escalas anteriores, a satisfação da escola. Em síntese os resultados encontrados indicam que a satisfação geral dos alunos pertencentes à amostra está rebaixada e ainda, se comparados os resultados entre os níveis, encontrou-se maior satisfação nos estudantes da 4ª série (apesar de mediana) e maior insatisfação nos de 5ª série.

Diante desses resultados que indicam altos níveis de insatisfação dos alunos com essa escola são inevitáveis questionamentos sobre o que está acontecendo e ainda, se é possível aceitar que os profissionais em educação não “percebam essa realidade, e, mais, que não envidem esforços para modificá-la?”. No instrumento utilizado os “alunos satisfeitos” são caracterizados entre outros como aqueles que às vezes ou sempre participam das aulas, se esforçam e prestam atenção; que consideram sua escola confortável, tranquila e que se sentem felizes e seguros nela; que não sintam medo, tensão, angústia e nem fiquem nervosos nela e que se sintam admirados e aceitos por colegas. De forma contundente os autores concluem o artigo afirmando:

Ora, se apenas em poucas dessas situações e em algumas séries os alunos se sentem assim, é a negação de todos esses aspectos que caracteriza a maioria dos alunos dessa escola. Em decorrência, não seria exagero afirmar que essa escola não parece um local dedicado à formação de cidadãos, nem preocupada com o conhecimento e cultura. O que subjaz ao tipo de ensino praticado nessa escola? Qual a preocupação e atitude que os professores estão transmitindo ou reforçando, de forma explícita ou velado, para esses alunos? Ao lado disso, não se pode deixar de perguntar até que ponto esse tipo de *conduta encontrado* nessa escola reflete o padrão da maioria das escolas brasileiros. (p.180-181)

Essas questões e considerações são bastante sérias e necessitam ser refletidas pelos profissionais em educação, no intuito ainda de que sejam ainda promotoras de ações que acarretem efetivas transformações em nossas escolas. Tal inferência sobre a urgência necessidade de mudanças nessa instituição pode ser generalizada se analisarmos o conjunto dos estudos apresentados nessa obra. A leitura dos nove artigos que compõe esse livro nos permite compreender que a motivação positiva e a falta desta resultam de complexas interações entre as características do aluno e fatores de contexto, sobretudo em sala de aula. Assim, está fortemente relacionada às estratégias de ensino (trabalho com o conhecimento) utilizadas e a qualidade do ambiente sociomoral vivido na classe e na escola. E sobre esses fatores o professor tem amplo poder de decisão. Analisando o papel relevante especificamente do professor, Guimarães considera que é na organização da escola e do espaço de sala de aula que esse educador possui um efetivo campo de atuação e que deve ser assumido com conhecimento e competência. Evidencia-se, portanto, que não se pode contar apenas com o senso comum ou com a intuição nessa complexa e desafiadora tarefa de motivar os alunos. Como nos alerta Buzneck, “os educadores tem em mãos uma tarefa árdua e muito custosa, que exige conhecimentos, habilidades e muito senso de compromisso com a educação” (p.25). Além disso, não se pode desconsiderar o necessário envolvimento da escola como um todo atuando de forma coerente num ambiente de cooperação e de apoio mútuos.

A compreensão das dimensões presentes na motivação escolar, assim como a reflexão, análise e implantação das implicações pedagógicas decorrentes, assumem, portanto, expressiva relevância para aqueles que buscam efetivamente construir uma escola cada vez mais humana, acolhedora, competente e cidadã.

TELMA PILEGGI VINHA

Pedagoga, Mestre e Doutora em educação pela Faculdade de Educação da Unicamp e professora desta mesma instituição.

Membro do Laboratório de Psicologia Genética do Programa de Pós Graduação em Educação da UNICAMP e do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Moral da Unesp.

E-mail: telmavinha@uol.com.br

Recebido em: 20/09/2009

Publicado em: 30/10/2009